

Povos Indígenas no Brasil

Fonte 06.S.P. (Suplemento Cultural) Class.: AM-Multinacionais
 Data 28.01.79 Pg.: 6.7 12

Ciências Naturais

A Amazônia e os contratos de risco

ESP - Suplemento Cultural
28/01/79

Mário Guimarães Ferri

Muito tem a imprensa, ultimamente, divulgado sobre os chamados contratos de risco na Amazônia, para exploração racional de madeira.

Certas autoridades negaram a existência desses contratos, enquanto outras confirmaram a existência, ao menos de estudo visando verificar a conveniência de se firmarem tais contratos.

O noticiário tem atribuído certas afirmações ao presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, ao secretário es-

Devastar pela exploração madeireira ou qualquer outra forma, como pela formação de pastagens, por exemplo, as florestas amazônicas (há vários tipos de florestas na região) significa alterar profundamente as condições de clima e solo desses ecossistemas, provocando desequilíbrios ecológicos imprevisíveis.

pecial do Meio Ambiente, ao superintendente da Sudam, entre outras autoridades, de tal forma que não parece impecável a informação de que tais contratos, se não foram ainda firmados, estejam em cogitação.

Vamos analisar, primeiro, a expressão "contratos de risco". Muitos têm opinado no sentido de que ela é imprópria, pois não haveria qualquer risco para as pessoas ou empresas que viessem firmar tais contratos

com o nosso Governo. Paulo Nogueira Netto teria dito que esses contratos melhor se chamariam de "contratos de desastre".

Ainda que, realmente, sejam "contratos de desastre" não deixariam de ser "contratos de risco", não para os contratantes, mas para a Amazônia. Melhor ainda: sendo contratos de risco para a Amazônia, seriam contratos de desastre para o Brasil, para todo o mundo. Desastre ecológico, o pior que se pode imaginar.

O titular da Secretaria Especial do Meio

Ambiente teria ainda afirmado que, vista de cima, em certas áreas, a Amazônia já se apresenta como um imenso queijo suíço. Se essa imagem é válida em certas áreas, já está ultrapassada em outras, onde a devastação foi mais intensa. Vi imagens obtidas através do Landsat, relativas à região de Paragominas. A impressão que tive era de um imenso rio povoado de numerosas ilhas e ilhotas, atravessando a selva.

Por que não devemos concordar com os contratos para exploração racional de madeira na Amazônia? Simplesmente porque ninguém, no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo, sabe, hoje, como fazer essa exploração racional. E não sabe, simplesmente porque muito pouco se conhece a respeito da região. Os estudos aí feitos são muito escassos, se considerarmos a imensa área que a Amazônia representa e a complexidade dos ecossistemas aí existentes.

A palavra hiléia, para designar a Amazônia, foi primeiro usada por Humboldt e Bonpland e é derivada do grego "hyle" que significa matéria, madeira, floresta. Há, na Amazônia, vários tipos de florestas, como as terra firme, as das várzeas, temporariamente inundadas, as dos igapós, permanentemente inundadas. As caatingas do Alto do Rio Negro e do Alto Solimões são outro tipo florestal que ocorre na Amazônia. Mas, além de florestas, existem, na região amazônica, diversos tipos de campos: campos limpos, cerrados, campinas e campinaranas. Vegetação aquática e de brejos também aí se encontra.

Cada tipo de flora condiciona um tipo determinado de fauna. Nas florestas amazônicas encontramos diversos andares de copas de árvores; sob o mais baixo ocorrem arbustos e subarbustos; ervas de porte variado já estão mais próximas do solo, em cuja superfície podem ocorrer gramíneas; nos locais mais iluminados e secos, e fungos, musgos, hepáticas, e delicadas filicíneas, nos locais mais úmidos. Nos troncos e ramos das árvores e também em suas folhas, existe um grande número de líquens. Trepadeiras diversas sobem com seus caules flexíveis, volúveis, colocando suas copas bem no alto. Ao mesmo tempo muitas epífitas que nascem sobre os ramos, em diferentes alturas, enviam raízes aéreas em direção ao solo, formando cipós freqüentemente muito fortes.

A superfície do solo, por vezes muito pobre, recobre-se de um espesso manto de folhas, ramos, flores, frutos, sementes e animais mortos. Toda esta matéria orgânica começa a ser trabalhada por diversos animais, vegetais saprofitos como fungos, alguns grandes outros microscópicos como inúmeras bactérias que também decompõem matéria orgânica. Forma-se assim húmus que fertiliza o solo. É nesta camada superficial, úmida e fértil do solo, que se encontra o maior número de raízes. Estas não se aprofundam muito no solo; ao contrário podem crescer em espessura saindo fora do solo, ficando sob aquele manto de folhas, isto é, sob a serapilheira, chegando até, por vezes, a ultrapassar esta camada, ficando, neste caso, expostas diretamente ao ar.

Encontra-se, pois, nestas matas, um grande número de nichos ecológicos (isto é, de pontos de condições diferentes), cada qual abrigando uma biocenose (conjunto dos seres vivos, vegetais, animais e microorganismos) específica.

Devastar pela exploração madeireira ou por qualquer outra forma (digamos pela formação de pastagens) as florestas amazônicas, significa alterar profundamente as condições de clima e de solo desses ecossistemas, o que leva, como consequência, a profundos desequilíbrios ecológicos.

Quando está presente a mata, as copas de suas árvores recobrem o solo de forma tal que, não mais que 10% da luz incidente conseguem atravessar o dossel formado por essas copas e atingir o solo. As chuvas freqüentes e torrenciais caem com todo o seu impacto sobre essas copas e daí escoam suavemente para o solo, ao longo dos ramos e dos troncos, ou gotejam suavemente sobre o solo. Removida a floresta, toda a luz incide diretamente sobre o solo e o aquece. Em consequência, as reações que mineralizam a matéria orgânica se aceleram



Como explorar racionalmente a madeira?

muito. Estes nutrientes minerais, úteis às plantas, não permanecem muito tempo no solo. As chuvas caem agora sobre este diretamente, com todo o seu impacto. A erosão pelas águas se acelera muito. E os nutrientes minerais, solúveis ou não, são arrastados pelas águas para os rios e destes para o mar que se incumbem de exportá-los para fora do País.

Quando não chove, o solo exposto, diretamente iluminado e aquecido pelo sol, seca muito rapidamente e facilita a crosta pelos ventos.

Criam-se, pois, como se demonstrou, condições de desertificação. Se isto realmente acontecerá, e em quanto tempo, seria difícil prever. Esses são alguns motivos pelos quais desaproveito a exploração da Amazônia, no momento. Outra forte razão para condená-la é que nem sequer sabemos tudo aquilo que estaremos levando à extinção. Poderá dar-se, facilmente, o caso de estarmos destruindo um grande número de espécies que nem ao menos conhecemos. E essas espécies poderiam ser muito úteis às gerações futuras.

A Amazônia representa um riquíssimo banco de genes, um valioso patrimônio que nos legaram-nossos antepassados e que temos

obrigação de deixar intacto às gerações que nos sucederem.

No noticiário que acompanhei com muito interesse, ouvi certos comentários que me deixaram boquiaberto. Um deles é que a Floresta Negra vinha sendo explorada há séculos e no entanto até hoje se mantém. Ora, as condições, principalmente clima e de solo, em que se encontra essa floresta são totalmente diversas das que dominam na Amazônia. Em segundo lugar, onde ela ocorre há um grande número de especialistas capazes da elaboração e da fiscalização de um programa de exploração racional. Da Amazônia, muito pouco se conhece e o número de especialistas existentes entre nós é ridiculamente pequeno. Como, pois, elaborar um programa de exploração racional da Amazônia? Quais os especialistas capazes dessa elaboração? E, ainda que fosse possível fazer tal programa, como iria ser feita a fiscalização de sua correta execução?

Consta do noticiário que 21 especialistas estrangeiros, da FAO, juntamente com 30 brasileiros, estudaram o problema 8 meses, elaborando tal programa de "exploração racional". Aqui, várias coisas deixaram-me perplexos: 1º) se vieram 21 especialistas estran-

geiros para estudar a Amazônia, devem ter vindo incógnitos, aparentemente, pois a imprensa parece não ter divulgado o fato; 2º) não há no Brasil 30 especialistas que conheçam a Amazônia, em profundidade tal que sejam capazes da elaboração de um programa de exploração racional de seus ecossistemas; 3º) um só nome, o alemão Schmitusen, é sempre citado; o que teria acontecido com os outros 20? finalmente, pretender que alguém, ou qualquer grupo de especialistas, seja capaz de elaborar um programa de exploração racional da Amazônia em 8 meses, é demais; é ser muito ingênuo ou muito ignorante!

Não poderemos, então, jamais utilizar os recursos naturais de que a Amazônia é tão rica? Creio que sim, um dia em futuro não muito próximo; hoje, não.

E que fazer até então? Concentrar nossos esforços e nossos recursos na exploração de áreas de cerrado, tão abundantes no Brasil Central. Essa é a alternativa sábia para o momento. E o Governo acertou plenamente quando instituiu o programa chamado Polocentro, que cuida justamente do Desenvolvimento Agropecuário no Cerrado.

Os cerrados são ecossistemas muito menos frágeis do que os da Amazônia. Além disso, já há alguns decênios de pesquisas sobre os cerrados. Finalmente, estes se encontram muito mais próximos dos centros de maior densidade populacional que são, obviamente, os centros de maior consumo. Então, quer-nos parecer que a alternativa cerrado é muito mais razoável. E, enquanto se desenvolver a agropecuária no cerrado, que se façam aprofundadas pesquisas na Amazônia, a fim de que um dia, no futuro, seja possível, realmente, elaborar um programa racional de exploração da Amazônia.

Oferecendo esta alternativa, não desejo dizer, em absoluto, que não importa devastar o cerrado. Importa e muito. É tão importante preservar áreas dos diferentes tipos de cerrado, quanto de qualquer outro ecossistema.

O que desejo enfatizar é que os ecossistemas de cerrado são menos frágeis que os da Amazônia, melhor estudados e muito mais próximos dos centros consumidores.

O bom senso manda, pois, que comecemos a expansão de nossas fronteiras agrícolas utilizando áreas de cerrado, deixando a exploração da Amazônia para o futuro, quando ela possa realmente ser feita em bases científicas que permitirão o estabelecimento de um programa racional.